



**CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NO IMAGINÁRIO DA
CIDADE: O CASO DO “ALMANACH ILLUSTRADO DE
RIBEIRÃO PRETO” DE 1913**

Rodrigo Ribeiro Paziani*

Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF/FAECA

rpaziani@yahoo.com.br

Humberto Perinelli Neto**

Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF/CEUBM

perinellineto@yahoo.com.br

Rafael Cardoso de Mello***

Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF

profrcmello@yahoo.com.br

RESUMO: A proposta deste trabalho será a de interpretar o imaginário urbano da *Belle Époque Caipira* através da presença de imagens e discursos sobre Ribeirão Preto no *Almanach Ilustrado*. Por este prisma, acredito que os almanaques possam revelar uma *leitura* não apenas idealizada, mas, especialmente, desejada (condições de possibilidade) das transformações urbanas. Mas, se a escrita produzida em almanaques afinava-se com um imaginário urbano elitista e pela presença de uma incipiente sociedade de consumo na cidade, não era menos verossímil que a *cidade-desejo* evocada nas suas páginas servisse de carapaça à uma trama ambivalente de mando pessoal, de uso da violência e de poder político entre as principais lideranças municipais operadas no *lusco-fusco* do público/privado e da civilização/barbárie.

PALAVRAS-CHAVE: Almanaque – Ribeirão Preto – Imaginário Urbano

* Doutor em História pela UNESP/Franca. Faculdade de Educação, Ciências e Artes “Dom Bosco” de Monte Aprazível/SP. Membro do CEMUNC (Centro de Estudos do Mundo do Café/UNESP-Franca) e do Grupo de Pesquisa “Cidade e Cultura” (UFRGS – CNPq)

** Mestre e Doutorando em História pela UNESP/Franca. Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto/SP e Fundação Educacional de Fernandópolis/SP. Membro do CEMUNC (Centro de Estudos do Mundo do Café/UNESP-Franca)

*** Mestrando em História pela UNESP/Franca. Professor do Colégio Particular “Vita et Pax” de Ribeirão Preto/SP. Membro do CEMUNC. Centro de Estudos do Mundo do Café/UNESP-Franca) e do Grupo ELO (Estudos da Localidade/USP-Ribeirão Preto).

ABSTRACT: The proposal of this work will be the one of interpret the urban imaginary of the *Belle Époque Caipira* through the presence of images and speeches about Ribeirão Preto in Almanach Ilustrado of 1913. For this prism, I believe that the almanacs can reveal a not just idealized reading, but, especially, wished of the urban transformations. But, if the writing produced in almanacs it tuned with an urban elitist imaginary and by the presence of a consumption incipient society in the city, was not less likely than the city-wish evoked in her pages served of scutcheon to the an woof of personal authority, of violence use and of caning politician among main municipal leaderships operated in the ambiguous mark of the public and private and of the civilization and barbarism.

KEYWORDS: Almanac – Ribeirão Preto – Urban imaginary

INTRODUÇÃO: O IMAGINÁRIO URBANO NA CONSTRUÇÃO DOS ALMANAQUES

Navegando pelas páginas de “Seis propostas para o próximo milênio”, temos sempre a impressão de que a cidade não se inscreve apenas nos marcos de pedra, mas é composto por um “livro de registros” que traduz, por uma rede de textos, a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas, formando uma miríade de imagens, contraditórias e fragmentadas, nas quais são tênues os limites que separam o vivido do sonhado.¹

Se cabe ao historiador a tarefa de decifrar os códigos simbólicos que formam e informam as múltiplas “imagens” da cidade submersas no interior daquela oficialmente preterida pela elite, não menos importante é compreender as articulações discursivas responsáveis pela tentativa de instituir as imagens “desejadas” da cidade. Nesta perspectiva, um elemento privilegiado para uma “leitura” específica das relações entre o imaginário urbano e a modernidade² é o almanaque.

De origem etimológica incerta, embora a apropriação e significação semântica conhecida tenha surgido no Oriente (do árabe “almanakh”, que significa “calendário”),³ suas primeiras versões impressas apareceram pela primeira vez na Alemanha em

¹ Cf. CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 85-86. _____. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 32. Ver também: GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23, et seq.

² PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. Sobre a intersecção entre representação, produção literária e práticas culturais ver: CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

³ CORREIA, João D. P.; GUERREIRO, Manuel V. Almanques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. **Revista ICALP**, Lisboa, v. 6, p. 44, ago./dez. de 1986.

meados do século XV (1455) na senda de progresso e difusão da imprensa,⁴ num contexto marcado por importantes movimentos que marcaram a Europa Moderna, como o Renascimento, a Reforma e o surgimento da ciência moderna.⁵

Mas foram as transformações no século XVIII, e, principalmente no oitocentos, “puxadas” pelas revoluções políticas e industriais⁶ e por um acelerado desenvolvimento técnico-científico⁷ que alteraram substantivamente os valores e as experiências de homens e mulheres na modernidade.⁸ O consumo do almanaque esteve longe de ser exclusivo de uma classe ou grupo da sociedade burguesa européia no século XIX – antes, a sua publicação era justificada por expandir a cultura letrada no Ocidente para uma ampla e diversificada camada de leitores,⁹ já que se tratava de “[...] um instrumento de divulgação de conhecimentos quer para um público geral, mais burguês e cidadão, quer junto de algumas camadas sociais diferenciadas por ideários políticos, religiosos ou por outros interesses muito específicos”.¹⁰

Neste sentido, ainda que a produção dos almanaques fosse representativa do interesse de certos grupos de poder (por exemplo, os empresários da indústria gráfica), não era menos verdade a existência de relações complexas entre formas impostas e identidades afirmadas.¹¹ O “público leitor” de almanaque também era formado por elementos das camadas populares,¹² sujeitos da recepção e da ressignificação das

⁴ CORREIA, João D. P.; GUERREIRO, Manuel V. Almanques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. **Revista ICALP**, Lisboa, v. 6, p. 46, ago./dez. de 1986.

⁵ Cf. EISENSTEIN, Elizabeth L. **A Revolução da cultura impressa**: os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

⁶ Cf. HOBBSBAWN, Eric. **A era das revoluções**: 1789-1848. Tradução de Maria Tereza L. Teixeira e Marcos Penchel. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

⁷ Cf. SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. _____. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das letras, 1998. p. 07-48. v. 3. Ver também: PESAVENTO, Sandra. **Exposições universais**: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

⁸ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos F. Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

⁹ CORREIA; GUERREIRO, 1986, op. cit., p. 48.

¹⁰ Ibid.

¹¹ CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 181, 1995.

¹² PARK, Margareth B. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. 1998. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1998.

práticas culturais e do poder simbólico da imprensa¹³ que tornavam possível a “popularização” da leitura, ou seja, de um material disponível até aos iletrados.¹⁴

Para Habermas, as mudanças citadas acima coincidiram com um processo de declínio da “esfera pública burguesa” na sociedade liberal capitalista,¹⁵ em virtude da formação de um mercado voltado às necessidades de um “público de pessoas privadas” cada vez menos crítico que consumidor de cultura, num contexto em que se apagavam as diferenças entre a circulação de mercadorias e a circulação do “público”.¹⁶

Se entre 1500 e 1800, segundo Peter Burke, o crescimento urbano das grandes cidades européias (Veneza, Amsterdã, Roma, Londres e Paris) em sua fase pré-industrial possibilitou a disseminação de espaços públicos de informação e de comunicação oral (tavernas, barbearias, pubs, Bolsas de Valores, cafés) e visual (igrejas, lojas, edifícios),¹⁷ com as mudanças técnico-tecnológicas da “mídia” impressa os livros e os jornais ganharam maior destaque mercadológico e passaram a circular progressivamente em escalas maiores, modificando as formas e o sentido das relações simbólicas dos indivíduos com o “mundo”.¹⁸

Bem, é justamente a partir destas análises que emerge, a meu ver, o papel específico e paradoxal exercido pelos almanaques na modernidade, porque se “[...] é no século XIX, sobretudo na sua segunda metade, que os A. (almanaques) se impõem em

¹³ CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria M. Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 23-24.

¹⁴ Id. Introdução. O livro dos livros: os almanaques no Brasil. In: PARK, Margareth. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1999, p. 12. Para um estudo sobre o conceito de “popular” e suas ambigüidades ver: BOLLÈME, Geneviève. **O povo por escrito**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

¹⁵ HABERMAS, Jürgen. **A mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 167. A respeito da progressiva crise da vida pública na sociedade moderna ver: ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

¹⁶ HABERMAS, 1984, op. cit., p. 212-213, et seq.

¹⁷ BURKE, Peter. A cidade pré-industrial como centro de informação e comunicação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 194-198, 1995.

¹⁸ DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 108-130; CHARTIER, Roger. **Formas e sentido – cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Tradução de Maria de Lourdes M. Matencio. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 2003.

quantidade, e incontestável importância [...]”,¹⁹ seja pela difusão enciclopédica de conhecimentos, seja pela significativa penetração em diversos setores da população, eles se inscrevem, porém, numa modalidade de produção literária que os coloca “[...] completamente distanciados do avanço científico e técnico [...]”,²⁰ portanto, próximos de uma concepção estética ancorada numa invenção de “tradições”.²¹

Com o aumento progressivo de sua circulação, o assumido caráter comercial e publicitário e a inserção de imagens fotográficas no decorrer do século XIX – reforçado pela narrativa simples e de caráter pedagógico, composta por um conjunto atualizado de informações gerais, úteis e de fácil compreensão ao leitor²² –, o almanaque foi investido de um sentido “civilizatório”,²³ carregado da “idéia de uma grande modernidade”,²⁴ obra capaz de inserir o “novo”.

Por outro lado, a organização compactada numa obra publicada anualmente, agregando um conteúdo (previsões, rituais, festas, conselhos, culinária, astrologia, história, personagens etc.) que quase não se alterava devido à rigidez estrutural de seu propósito (facilitar o contato com o material),²⁵ fazia dele – dentro do quadro das “tradições inventadas” – um notável fabricante de “discurso fundador”, (re)elaborador de um tempo mítico, permanente (re)ordenador das imagens de um “passado” a ser (re)lembrado na memória.²⁶

Enfim, operando como um “eixo de referência”,²⁷ ou seja, sua capacidade de percorrer o tempo simultaneamente nas duas direções, do “presente” (informação e orientação atualizada) para o “passado” (glorificação e celebração “do que se foi”) e

¹⁹ CORREIA, João D. P.; GUERREIRO, Manuel V. Almanques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. **Revista ICALP**, Lisboa, v. 6, p. 48, ago./dez. de 1986.

²⁰ Ibid.

²¹ HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina C. Cavalcanti. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 09.

²² CORREIA; GUERREIRO, 1986, op. cit., p. 47.

²³ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994. v. 1.

²⁴ FERREIRA, Jerusa P. Almanaque. In: MEYER, Marlyse. (Org.). **Do Almanak aos almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 19-22.

²⁵ PARK, Margareth B. **Histórias e leituras de almanques no Brasil**. 1998. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1998, f. 49.

²⁶ MEYER, Marlyse. (Org.). **Do Almanak aos almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 16-17.

²⁷ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Roberto L. Ferreira. São Paulo: Papirus, 1997, p. 183. Tomo III.

vice-versa, ele era construído numa forma metalingüística de organização do tempo baseado, apropriando-nos das lições de Paul Ricoeur, em um “tempo crônico”,²⁸ espécie de “terceiro-tempo” entre o tempo cósmico e o tempo vivido.²⁹

Apesar de sofrerem no final do dezenove a concorrência, segundo Ana Luíza Martins,³⁰ das revistas de periodicidade mensal e/ou quinzenal – obras voltadas para um público leitor cada vez mais segmentado e incorporado à sociedade de consumo –, os almanaques continuaram a atrair o gosto de diversas camadas da população, principalmente no interior do Brasil.

Isto porque, associado a um sistema de idéias e de imagens (textuais e iconográficas) de representação coletiva, eles eram capazes de criar o “real”,³¹ realidade que unia vivências e sonhos, mas que também poderia “ocultar” estratégias discursivas e práticas culturais de uma elite aninhada nos fios tênues que ligavam a civilização e a barbárie: é o caso da construção do imaginário urbano de Ribeirão Preto presente no “Almanach Ilustrado” de 1913.

DESEJOS DE “CIVILIZAÇÃO”...

Desejar a “civilização”, para as autoridades brasileiras, significava integrar o país ao “trem da história”. Uma das principais faces deste (di)lema consistia na modernização dos centros urbanos, ou seja, investir pesadamente contra os diversos sintomas de “atraso”. Apropriando-se dos referenciais imaginários da modernidade, principalmente os projetos e as experiências de reforma urbana na Europa do dezenove, as elites brasileiras tentaram realizar intervenções urbanas em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, Santos, Belo Horizonte, entre outras, intervenções essas sustentadas pela construção de discursos e imagens “desejadas” em detrimento dos vestígios de um “passado colonial” a ser eliminado.

²⁸ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Roberto L. Ferreira. São Paulo: Papyrus, 1997, p. 180-181. Tomo III.

²⁹ Ibid., p. 183, et seq.

³⁰ MARTINS, Ana L. **Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República** – São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/IMESP/FAPESP, 2001.

³¹ PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 08.

Na ânsia por reformas, tanto os conceitos de “progresso” e “civilização”, quanto as representações simbólicas e a difusão mítica da Paris do Segundo Império³² formavam o “depósito de acessórios” – repertório discursivo ideal para as práticas de ocultamento da “barbárie” indesejada³³ – que, dentro de condições de possibilidade,³⁴ eram ressignificados culturalmente nos mais diversos “lugares”,³⁵ fenômeno este que Sandra Pesavento identificou ao processo de “desterritorialização”.³⁶

Na cidade de São Paulo, a expansão da atividade cafeeira – cujo produto já aparecia na década de 1870 como o principal responsável pela dinamização do setor exportador da economia brasileira³⁷ – despertou o interesse dos membros da elite paulista de investir capitais na modernização da infra-estrutura (redes de água, luz, esgotos, calçamento, bondes etc.), dos meios de transporte (ferrovias) e de comunicação (telégrafos) e, especificamente, no desenvolvimento de um mercado jornalístico, publicitário e literário, até então rarefeito.³⁸ Contudo, as experiências urbanas não estancaram no Rio de Janeiro ou em São Paulo.

A “Onda Verde”,³⁹ destruidora e criadora de paisagens, continuava impávida e invadiu o interior de São Paulo – graças ao processo de “modernização conservadora”,⁴⁰

³² PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 98.

³³ STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**. Tradução de Maria L. Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. Ver também: MATTEI, Jean-François. **A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno**. Tradução de Isabel M. Loureiro. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

³⁴ SALGUEIRO, Heliana A. Revisando Haussmann: Os limites da comparação. A cidade, a arquitetura e os espaços verdes: o caso de Belo Horizonte. **Revista USP**, São Paulo, n. 26, p. 195-205, jun./ago. 1995.

³⁵ GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Ed. Unesp, 1991, p. 27.

³⁶ PESAVENTO, 1999, op. cit., p. 22.

³⁷ LOVE, Joseph. **A locomotiva: São Paulo na federação brasileira (1889-1937)**. São Paulo: Paz e Terra, 1982, p. 81-83.

³⁸ FERREIRA, Antônio C. Para ler nos caminhos de ferro: o *Almanach Litterario* de São Paulo (1876-1885). **Patrimônio e Memória**, Assis, Universidade Estadual Paulista (FCLAs), CEDAP, v. 2, n. 1, 2006, p. 03-04.

³⁹ LOBATO, J. B. de Monteiro. **Onda verde e o presidente negro**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969, p. 08-10.

⁴⁰ No processo de modernização conservadora “[...] O Estado torna-se a principal fonte de capital líquido, tanto na criação das condições gerais da produção, que garantissem a infra-estrutura necessária à expansão das atividades econômicas, quanto através dos vasos comunicantes abertos pelas fraudes, sobre-preços, malversações, sonegação, propinas etc., entre o erário e os interesses privados, a apropriação de vultosas somas que eram incorporadas ao patrimônio particular”. DOIN, José Evaldo de M. **Capitalismo bucaneiro: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café**. Tese de Livre-Docência. Franca, Universidade Estadual Paulista, FHDSS, 2001, p.73. v. 1

iniciado no Segundo Reinado – arrastando consigo, de maneira avassaladora, um mundo novo, prenhe de gostos e desgostos. À movimentação dos primeiros desbravadores, seguiu-se a construção de linhas ferroviárias estabelecida por homens que, sem dó, nem piedade, derribavam matas, expulsavam índios, mandavam matar a caboclada, tudo para construir verdadeiros “impérios” através dos lucros e espólios da economia cafeeira.

As ferrovias, por seu turno, aceleraram os ritmos temporais e os circuitos de trocas mercantis e ampliaram as redes internacionais de negócios, e, com elas, as “maravilhas” do mundo moderno, que chegavam até os rincões mais longínquos do Estado, “civilizando” a caipirada e desenvolvendo ou mesmo “semeando” urbes:⁴¹ assim as vilas de Campinas, Rio Claro, São Carlos, Araraquara, Franca, Mococa, São José do Rio Preto etc. – de aspectos rurais e pacatos – transformavam-se em localidades apinhadas de gentes, modas, comportamentos, edificações e objetos de consumo, um “pool” experiências singulares de choque, fantasia e (des)ilusão denominada de “Belle Époque Caipira”:



Essa expansão (cafeeira) estabelece a enorme dianteira das terras do café sobre as outras regiões do país. O mundo do *coffee business* se engalona e sofisticada. Entupida de dinheiro, sua elite quer a todo custo modernizar-se. Aquelas vilazinhas, aqueles lugarejos que poucos anos antes eram apenas um parco aglomerado de casebres, anônimos, insignificantes, entregues à modorra sonolenta da rotina, num repente acordam, tomados de pressa ingente para entrar no bonde da história e atingir as *benesses* do *progresso* e da *civilização*, acordados que foram pelo aroma forte e instigante daquela bebida dadivosa. Rápido crescem e tomam forma de cidades. Centros bafejados pela força da grana que constrói e destrói coisas belas. Admirável mundo novo que mescla sem possibilidades de separação o arcaico e o moderno. Era a *Belle Époque* caipira que tomava conta dos corações e das mentes das cidades do interior paulista.⁴²

Ribeirão Preto, até o final do Império, era uma vila muito pouco modernizada, e pior, assaltada continuamente por epidemias de febre amarela, varíola e tuberculose. Mesmo após o desenrolar do regime republicano, as primeiras administrações municipais reclamavam de descasos e mínguas semelhantes aos que as províncias haviam sofrido durante o Segundo Reinado.⁴³ A partir da implantação da ferrovia em

⁴¹ MATOS, Odilon N. de. **Café e ferrovias**: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1974, p. 152.

⁴² DOIN, José Evaldo de M. **Capitalismo bucaneiro**: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café. Tese de Livre-Docência. Franca, Universidade Estadual Paulista, FHDSS, 2001, p. 307. v. 1

⁴³ CAMARGO, José B. dos S. (Org.). **Aspectos Históricos da Câmara Municipal**. Ribeirão Preto: Câmara Municipal, Edição Comemorativa do 1º Centenário da edilidade, 1974.

1883, especialmente, nos últimos anos do século XIX, quando o município tornou-se o centro da produção cafeeira do Estado (e por que não do país), a cidade⁴⁴ foi alvo de sucessivas transformações urbanas⁴⁵ por meio de uma elite sequiosa de inserir Ribeirão Preto no mundo da “Belle Époque”.

A construção (1890) e o ajardinamento (1902) da Praça XV de Novembro, as primeiras rede de água (1898), iluminação elétrica (1899) e de esgotos (1900), a introdução da rede telegráfica e do primeiro Matadouro (1892), a fundação dos dois jornais de grande tiragem – “Diário da Manhã” (1898) e “A Cidade” (1905)⁴⁶ – e a edificação do Teatro Carlos Gomes (1897), da Sociedade Recreativa de Esportes (1906), do Cassino Antártica (1914) e do Palácio Rio Branco (1917) – antiga sede da Câmara (atual Prefeitura), sem falar nos cines-teatro e no comércio lojista, eram alguns exemplos que atestavam a existência de uma urbe “civilizada”.

Escaldados pelas lições de Giulio Carlo Argan, sabemos que não se deve entender a cidade unicamente pelo prisma “geometrante” de um traçado regular, das formas ordenadas do espaço ou ainda de uma suposta “racionalidade” das funções públicas, mas, principalmente, como um “espaço figurativo” construído não apenas “[...] daquilo que se vê, mas de infinitas coisas que se sabem e se lembram, de notícias”.⁴⁷ Neste sentido é que a construção do imaginário social sobre o urbano torna-se inseparável dos papéis que os almanaques (sem esquecer os jornais e as revistas) representaram na sociedade brasileira especificamente na Primeira República.⁴⁸

⁴⁴ Nascida de uma série de doações de terras por entrantes mineiros que se deslocaram para essas bandas nas primeiras décadas do século XIX para a construção de uma capela (marco da cidade), Ribeirão Preto torna-se vila em 1871 e somente é reconhecida como cidade em outubro de 1889, próximo à queda da Monarquia. In: CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: IMAG Gráfica e Editora, 1987, p. 59-83.

⁴⁵ Falamos aqui do “tabuleiro de xadrez” formado pelas ruas Álvares Cabral, Duque de Caxias, Barão do Amazonas e General Osório, a área central onde foi construída a (atual) Praça XV de Novembro.

⁴⁶ Os dois jornais estavam ligados por afinidades políticas a cada uma das alas do PRP municipal: “A Cidade” ao grupo do Cel. Joaquim Junqueira, enquanto o “Diário da Manhã” alinhava-se ao Cel. Francisco Schmidt. In: PAZIANI, Rodrigo R. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). 2004. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista, FHDSS, Franca, 2004, f. 124-125.

⁴⁷ ARGAN, Giulio C. **História da arte como história da cidade**. Tradução de A. H. Lamparelli. 4. ed. São Paulo Fontes, 1998, p. 43. Ver também a obra de: CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 14-15.

⁴⁸ MARTINS, Ana L. **Revistas em Revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República – São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/IMESP/FAPESP, 2001.; MEYER, Marlyse. (Org.). **Do Almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Embora o primeiro almanaque a circular no país tenha sido, provavelmente, o “Almanach Histórico do Rio de Janeiro”, escrito por Duarte Neves e editado por aqui durante o século XVIII,⁴⁹ a presença deste tipo de material impresso intensificou-se a partir da segunda metade do século XIX, coincidindo com a formação de um mercado interno no Brasil, mas também devido ao crescimento demográfico e urbano e à modernização de infra-estrutura.

Apesar do baixo nível de especialização,⁵⁰ os almanaques no Brasil foram assumindo modelos distintos e adquirindo uma relativa variedade temática⁵¹ à medida que os “olhares” dos homens de elite voltavam-se cada vez mais para o cenário urbano, desejosos que estavam por “reescrever” a história de suas respectivas cidades (e, em consequência, do próprio país), proporcionando aos seus leitores conviver com aquele “tempo crônico”:⁵² tratava-se de “celebrar” a modernidade articulando plasticamente as criações, ideais e experiências do tempo “presente” aos discursos fundadores, mitos de origem e fatos “históricos” do tempo “passado”.

Durante a Primeira República, esse fora o propósito das câmaras municipais espalhadas pelo interior paulista em editar a publicação de almanaques.⁵³ Em Ribeirão Preto, a Câmara aprovava em 1913 uma subvenção para a publicação (do primeiro e único número conhecido) do “Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto”.⁵⁴

Dividido em quatro partes,⁵⁵ o almanaque tentava traduzir em palavras, imagens e estatísticas a escala de evolução material e intelectual de Ribeirão Preto: as grandes fazendas e o aumento das habitações urbanas; as escolas rurais e os colégios da

⁴⁹ PARK, Margareth B. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. 1998. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1998, f. 52.

⁵⁰ MEYER, Marlyse. (Org.). **Do Almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 16.

⁵¹ Existiam almanaques literários, históricos, ilustrados, científicos, religiosos, agrícolas, de saúde, administrativos, de família, de cidades, entre outros.

⁵² Ver nota 31.

⁵³ São os casos de: Almanack da Franca. Organizado por M. Franco. São Paulo: Duprat, 1902. Almanach Ilustrado de Sorocaba. Sorocaba: Gráfica XV de Novembro, 1914. Almanach D’ Oeste do Estado de São Paulo – Abrangendo as Comarcas de Jaboticabal e Bebedouro. 3º ano, organizado por Guilherme Votta. São Paulo: Typographia Americana, 1906, entre outros.

⁵⁴ RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. **Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto**: estatístico histórico, industrial, comercial, agrícola, literário, informações e variedades. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913.

⁵⁵ Primeira Parte: “Alguns dados históricos e geographicos de Rib. Preto”. Segunda Parte: “Nomenclatura commercial, industrial e agrícola, História do Bispado e Igreja São José, Referencias de algumas Sociedades e estabelecimentos commerciais”. Terceira Parte: “Discripção de algumas fazendas”. Quarta Parte: “Informações uteis, literatura e variedades”. Ibid.

cidade; os fazendeiros, os comerciantes, os industriais e os “operários”; as figuras ilustres do “passado” e do “presente”; o mercado e o bispado; a poesia e a propaganda; a beleza arquitetônica dos edifícios e o conforto e o luxo dos casarões; o recato e a elegância das damas; a altivez e a sobriedade dos cavalheiros; a instrução e a diversão públicas; o florescimento comercial e industrial e a elevada produção cafeeira; o aformoseamento do centro e a expansão dos bairros; o labor e o prazer da população.

E não era para menos. A elite ribeirãopretana não escondia o desejo de “ver” as certezas do progresso e da civilização estampadas numa cidade que já era mundialmente conhecida na virada para o século XX. Pelos jornais, o clima de euforia e otimismo perpassava os artigos de escritores anônimos que evidenciavam um conjunto de novas sensações e experiências que não se identificavam com o aspecto pacato e atrasado de antanho:

Ribeirão Preto caminha! Vae desassombradamente adquirindo um renome substancioso, firmando o seu conceito entre as populações cultas, capaz de conquistar de um modo inconsueto (sic) o primeiro lugar, si não erramos no dizer e, quiçá, rivalisar com algumas capitães de Estados da federação [...] Ribeirão Preto caminha! Resae do ostracismo a que viveu amarrado e mais forte, mais altaneiro, olha com indiscutível superioridade o quanto é boa a elevação de princípios contra o principio retrogrado; elle que sempre acalentou essa esperança grandiosa de crescer bastante, de aprender muito. E ahí está o Ribeirão Preto de hoje [...] Elegante e chic, a população se impõe; a educação, embora o governo não nos tenha dado nem uma Escola Normal primaria, é saliente nas diversas camadas sociais. Cultiva-se todo o ramo de actividades humanas, como se dedica ao prazer das artes – as primorosas irmãs das intelligencias fecundas – as artes, que dia para dia vão encontrando no seio da nossa população, um altar condigno para o seu culto [...].⁵⁶

As referências à França ou à Paris, tão presentes atividades comerciais, industriais e de lazer, eram alimentadas pelo importante papel dos imigrantes que ocupavam as cidades do interior paulista,⁵⁷ que as tornavam freqüentes nas páginas de revistas ou anúncios de jornal.

Os cines-teatros “Paris-Theatre” e “Bijou”, as casas comerciais “Au Bon Marché”, “Au Louvre”, “Au Bon Gout” e “Notre Dame de Paris”, os modismos do

⁵⁶ “Divagando” (16.03.1912). RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. **Diário da Manhã**. Ribeirão Preto: ano XV, jan/jun 1912.

⁵⁷ CINTRA, Rosana. **Italianos em Ribeirão Preto**: vinda e vida de imigrante (1890-1900). Dissertação de Mestrado. Franca, Universidade Estadual Paulista, FHDSS, 2001. DI GIANNI, Tércio. **Italianos em Franca**: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

“pincenez” e das “jump-cullotes”⁵⁸ ou os viajantes que, entusiasmados, não pestanejavam em chamá-la de “Ribeirão Preto, a cidade mágica, a pérola d’ Oeste Paulista, a Petit Paris, como a cognominam os viajantes da zona Mogiana [...]”⁵⁹ revelavam, além das estratégias de consumo, os discursos e as imagens necessárias para a construção de um “repertório” da cidade, ou, pelo menos, daquela parte desejada pela elite:

[...] Paris passa, a partir do século passado, a constituir-se na cidade emblema do conceito de metrópole, a tal ponto que a enunciação mágica do seu nome faz com que se evoque todo o processo mais amplo que comporta e configura a ‘grande cidade’. Para usar uma expressão da linguagem, toma-se uma parte (Paris) para expressar o todo (a modernidade em termos urbanos) [...] Ora, o ‘caso parisiense’ mostra ser a cidade o espaço e o tempo de realização da modernidade, da mesma forma que configura uma referência identitária muito forte à capital francesa [...] E, no jogo das representações entre ‘nós’ e os ‘outros’, o ‘modelo parisiense’ vem a se constituir no ‘outro’ desejado, ou, em outras palavras, no ‘vir-a-ser’ identitário sonhado pelas elites brasileiras.⁶⁰

Dispostos a registrar as diferentes faces do estado de “adiantamento” da cidade, os editores do “Almanach Illustrado” – Sá, Manaia & Cia. – ansiavam destacar o lugar de Ribeirão Preto no cenário paulista, nacional e internacional,⁶¹ dada a sua influência política e a pujança econômica assumidas na Primeira República. Mas destacar o quê?

Talvez uma primeira resposta nos seja dada por Francisco Augusto Nunes – membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da “Société Académique d’Histoire Internationale” de Paris e professor em diversas escolas de Ribeirão Preto – que, na função de colaborador no almanaque, ficara responsável pelos dados históricos e geográficos do município. Escreveu Nunes:

A excelência do clima, a uberdade do solo, o encanto dos dilatados horizontes, a incomparável vitalidade comercial, a perfectibilidade de suas indústrias, a atividade ininterrupta dos seus habitantes, cujo labor é intenso e admirável, e a beleza da posição topographica, constituem

⁵⁸ “Au Bonheur des Dames”. SÃO PAULO – Arquivo do Estado. **O Sétimo Distrito**, Ribeirão Preto: Ano I, n. 2, 1893.

⁵⁹ RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. **Diário da Manhã**. Ribeirão Preto: Ano XI, jan./jun. 1909. O termo “Petit Paris”, usualmente enunciado por outros visitantes, reaparece, em contexto histórico diferente, numa matéria do jornal “A Cidade” de 09.04.1916.

⁶⁰ PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 24.

⁶¹ PAZIANI, Rodrigo R. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). 2004. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista, FHDSS, Franca, 2004, f. 124-125, f. 17.

insofismavelmente uma garantia para que, após alguns annos, esta cidade fique colocada num plano mil veses superior ao que occupa na escala do vertiginoso progresso deste insuperavel Estado, que foi julgado com critério e justiça, uma Republica no seio da Federação Nacional. Podemos notar em Ribeirão Preto predios monumentais, com finissimos e arquitetonicos adornos; jardins, cujos arbustos são o concludente attestado da productibilidade do solo cananneano [...] ruas amplas que se assemelham a bellissimas avenidas, ostentado arborização nova e copada; praças duma extensão extraordinaria, que estão em condições de conter milhares de individuos: - enfim, vemos aqui tudo quanto é potente para dar a comodidade, a alegria e o sossego que constituem a suprema aspiração da creatura humana.⁶²

O escrito de Francisco Nunes apresentava uma cidade imersa num “turbilhão” de mudanças inquestionáveis – presentes no uso dos adjetivos “excelência”, “incomparável” e “perfectibilidade” – consagradas ao clima e à posição geográfica favorável, ao solo úbere, à indústria e ao comércio, ao burburinho e o “vai-e-vem” de homens ao trabalho, tudo convergia para a descrição de uma urbe “civilizada”. Para consolidar tais imagens, também não faltaram citações aos símbolos das melhorias urbanas – a arborização, o calçamento, as edificações, as avenidas, o embelezamento – enquanto referenciais de “bem viver”, pois a cidade proporcionava àquele que a visitava a comodidade e a alegria.

O mesmo autor, instigado pela crença no progresso, encerrava a primeira parte com a seguinte conclusão:

Aqui dou por findo este esmaecido esboço histórico que representa uma restricta nota excepcional pujança desta ridente Terra de Chanaan. Ao elaborar este escripto, não obstante a sua insignificância, violentos estremecimentos de supremo jubilo fizeram vibrar as fibras do meu ser. Sentia-se radiosa e entusiasta a minha alma ao considerar o promissor porvir deste adorado solo [...] Dando à estampa este trabalho, apenas fui impulsionado pela intenção de empregar o meu liliputiano mérito de escriptor para *faire mieux connaître les ressources et les promesses* da antiga Terra do Ouro [...].⁶³

Mas, o que mais o “Almanach Illustrado” destacou sobre Ribeirão Preto?

Fazia-se necessário demonstrar ao “leitor” o ritmo de progresso da cidade através das profissões, ofícios e empreendimentos existentes na cidade: advogados, engenheiros, arquitetos, cirurgiões, médicos, parteiras, fotógrafos, alfaiates, barbeiros, curandeiros, costureiras, engraxates, modistas, ourives, sapateiros, serralheiros, entre

⁶² RIBEIRÃO PRETO – ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO. *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p. 17-18.

⁶³ *Ibid.*, p. 27.

outros. No ramo industrial, fábricas de cigarros, cerveja, sabão, cadeiras, sapatos, massas, carroças e beneficiamento de açúcar e arroz. E por fim, o comércio, em rápida mutação, com um grande contingente de atividades, desde agências bancárias, armazéns e casas de câmbio.⁶⁴

Contudo, ao organizar-se como um “calendário” das inúmeras atividades humanas empreendidas (e em fase de empreendimento) na cidade e no município, o “Almanach Ilustrado” prestava-se ao exercício de um papel “pedagógico” e “lúdico”, na medida em que funcionava como instrumento veiculador de informações úteis e conhecimentos gerais sem jamais dissociar-se das alusões metafóricas – à “Terra de Canaã”, à “Petit Paris”, ao “Oeste”, à “Terra do Café” – que constituíam o manancial por onde se transbordavam os desejos mais latentes e inventavam-se tradições, mitos e biografias em torno da cultura cafeeira, especialmente a visão ambígua sobre a natureza, idílica e transformadora:

[...] a própria natureza encarregou-se de autenticar que os inconvenientes (sic) apontados (a aridez da terra e o clima quente) não eram suficientemente potentes para que ocasionassem sérios obstáculos à marcha ascendente da Terra do Café.

A mirífica fertilidade do solo aliada á amenidade primaveril do clima; enfim a superioridade dos elementos naturaes puzeram em desbarato os antigos preconceitos, e, hoje, Ribeirão Preto é um local escolhido até para recreação, tendo pelas suas commodidades e pelos variegados attractivos que ostenta, a significativa denominação de Capital d’Oeste.⁶⁵



Da mistura de duas representações simbólicas – a mítica (a “mirífica” natureza, a “amenidade primaveril”) e a evolutiva (a “marcha ascendente”, a “superioridade dos elementos”) – emergia a tentativa de “institucionalizar” no seio da sociedade ribeirãopretana um imaginário da cidade (e do município) por meio da criação simbólica de figuras, formas e imagens que, ao contrário de Castoriadis,⁶⁶ pretendiam “espetacularizar”, “refletir” e mesmo “naturalizar” os ideais de uma elite ávida por afastar as (e afastar-se das) marcas do “atraso” e do “arcaico” e reconhecer-se como

⁶⁴ RIBEIRÃO PRETO – ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO. **Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p. 41-47.

⁶⁵ Ibid., p. 12.

⁶⁶ CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

portadora, ao mesmo tempo, dos valores herdados do “passado” (mitificado)⁶⁷ e das virtudes do mundo “moderno”.

Isto nos remete a um dos diálogos de Marco Pólo com Kublai Khan, quando o mercador veneziano, ponderando as investidas ácidas do imperador a respeito da existência “real” ou “ideal” das cidades que compunham o seu império, afirmou o seguinte: “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo existe uma ligação entre eles [...]”.⁶⁸ Quer dizer: ainda que os discursos (e as imagens) sobre uma cidade não se confundam com a cidade “em si”, são eles que em maior ou menor grau permitem aos homens elaborar novos significados e imprimir novos sentidos àquela cidade.

Mas ainda permanecem duas questões: quais seriam os “novos significados” e os “novos sentidos” presentes no “Almanach Ilustrado”? E, no caso deles existirem, a quem se dirigiam?

... E AS MÁSCARAS DA “BARBÁRIE”

Em 1911, a “Brazil Magazine” – revista editada em Paris com distribuição mensal de volumes para Lisboa e Rio de Janeiro – publicou um número exclusivo a respeito da pujança e da notoriedade internacional atingida pelo município de Ribeirão Preto no alvorecer do século XX. Intitulado “Ribeirão Preto, Le Pays du Café”, este número ficara sob a responsabilidade de Martinho Botelho Júnior, filho do poderoso Coronel Antônio Carlos de Arruda Botelho, o “Conde do Pinhal”. Vejamos o teor da primeira página da revista:

Apresentando esta Edição do Brazil Magazine, que traduz mais um grande esforço d' esta publicação pela propaganda do país, nós a consagramos toda inteira, ao belo município de Ribeirão Preto, esta inigualável perola da coroa paulista. Oferecemos *despretensiosamente* este nosso trabalho, a digna e patriótica Camara municipal de Ribeirão Preto, ao denotado chefe social e político do município, Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira e ao grande agricultor Coronel Francisco Schmidt, que concretiza no seu esforço individual, nessa

⁶⁷ LOVE, Joseph. **A locomotiva: São Paulo na federação brasileira (1889-1937)**. São Paulo: Paz e Terra, 1982, p. 21.

⁶⁸ CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 59.

grande terra de trabalho, o mais belo e glorioso exemplo da prosperidade brasileira.⁶⁹ [destaque nosso]

É mais do que sabida a prevalência da “hipertrofia da esfera privada”⁷⁰ na vida pública brasileira desde os tempos coloniais, graças à formação histórica de uma sociedade totalmente desobrigada de qualquer ética capitalista, exceto a da aventura, do risco e da trapaça.⁷¹

Durante a Primeira República, os novos barbaças alocados no interior de São Paulo, além de aventurarem-se com os “negócios públicos”, alimentavam uma sociedade arrivista e plutocrática⁷² que embaralhava os sentidos da civilização e da barbárie, do rural e do urbano, do arcaico e do moderno: em consequência disso, mal as experiências da modernidade eram assimiladas pelas cidades em floração e logo eram convidadas a “desmanchar-se pelo ar”,⁷³ tomadas que eram pela pressa ingente da saga do café.

Porém, quem vê pelas fotografias esses homens a trabalhar “arduamente” nos interstícios do poder público, a dar provas de seus “esforços individuais”, a engalanarem-se galhardamente em dias de festas e inaugurações e serem condecorados com títulos da Guarda Nacional,⁷⁴ talvez não perceba que eles procuravam ofuscar suas expressões de poder pessoal e obscurecer da cena pública os seus “manuais” de barbárie⁷⁵ presenciadas no município,⁷⁶ hábeis em forjar “máscaras” para acobertar os seus interesses privados – por vezes, sequer escondiam seu gosto pela pilhagem,

⁶⁹ RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. **Brazil Magazine**: Revista Ilustrada d’Arte e Actualidades, Organizado por Martinho Botelho Júnior, Rio de Janeiro, v. 57, 1911, p. 02.

⁷⁰ ROCHA, João Cezar de C. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998, p. 123-124. HABERMAS, Jürgen. **A mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 19-21.

⁷¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 41-71.

⁷² DOIN, José Evaldo de M. **Capitalismo bucaneiro**: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café. Tese de Livre-Docência. Franca, Universidade Estadual Paulista, FHDSS, 2001, f. 169. v. 1. OLIVEIRA VIANNA, Francisco J. de. **Instituições políticas brasileiras**: fundamentos sociais do Estado. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999, p. 138-139.

⁷³ DOIN, 2001, op. cit., f. 308.

⁷⁴ Ibid., f. 309.

⁷⁵ HOBBSAWM, Eric. Barbárie: manual do usuário. In: _____. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 268-269.

⁷⁶ JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos**: oligarquia e sociedade em São Paulo, 1920-1924. 1998. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

extração e exploração violenta das terras – por detrás de conceitos abstratos como o de nação.⁷⁷

Ao contrário das práticas culturais de difusão e leitura dos almanaques pelas cidades europeias – que, na esteira das revoluções francesa e industrial, representaram o surgimento de uma “esfera pública” de acesso ao conhecimento (útil e enciclopédico) que, mesmo segmentada e consumista, fomentava uma “sociedade de leitores” – no Brasil tais práticas, não de todo inexistentes,⁷⁸ encontravam obstáculos numa das faces perversas da formação social do país: a exigüidade do “público leitor”.⁷⁹

Esta escassez de sujeitos predispostos à leitura, reforçada pela presença sintomática do analfabetismo, denunciava a prevalência das tramas enoveladas pela sociabilidade cordial, cujas práticas sociais e políticas realizavam-se através da “mediação” do favor⁸⁰, do “mercado” do apadrinhamento⁸¹ e das interpenetrações entre o público e o privado, formando uma rede de contatos íntimos dominados pelos círculos “dos homens de 10 ou de 50”,⁸² indivíduos responsáveis pela publicação de artigos e livros (especialmente os seus) e pela abertura de “portas” aos amigos pessoais junto a editoras e mesmo a jornais.⁸³

Por esta razão, as redes de sociabilidade tecidas pela coronelada encontravam “abrigo” não só nas sessões da Câmara, mas também nos bailes, restaurantes, jantares residenciais, imprensa, festejos e inaugurações públicas, enfim, lugares que

⁷⁷ DOIN, José Evaldo de M. **Capitalismo bucaneiro**: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café. Tese de Livre-Docência. Franca, Universidade Estadual Paulista, FHDSS, 2001, f. 38. MELLO, João Manuel C. de; NOVAES, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 1998, p. 605-606.

⁷⁸ ROCHA, João Cezar de C. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998, p. 116, et seq.

⁷⁹ Ibid., p. 137.

⁸⁰ Ibid., p. 28-30; 36-37; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 146-147; SCHWARZ, Robert. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1977, p. 13-28.

⁸¹ À respeito do apadrinhamento como um “mercado” disputado, ver a hilária e surpreendente obra de: MACEDO, Joaquim Manuel de. **A carteira de meu tio**. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 56-57.

⁸² OLIVEIRA VIANNA, Francisco J. de. **Instituições políticas brasileiras**: fundamentos sociais do Estado. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999, p. 283; 326-327.

⁸³ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996, p. 74-75.

realimentavam o sentimento de pertença⁸⁴ à elite e que reordenavam as decisões dos membros do Partido Republicano de Ribeirão Preto frente às esferas estaduais e federais. Diríamos que, nesses “ambientes”, o mando privado dos coronéis era “teatralizado”⁸⁵ em público. Assim podemos entender o trecho da “Brazil Magazine” citado anteriormente.

Os “rasgados” elogios aos dois principais fazendeiros de café e chefes políticos do Partido Republicano Paulista no município, os coronéis Francisco Schmidt e Joaquim da Cunha Diniz Junqueira,⁸⁶ numa revista internacional pareciam inverter a ordem do discurso, ou seja, pretendiam descrever não a existência de cafeicultores rudes, mandatários e violentos, mas consolidar a imagem de agentes do “progresso” e da “prosperidade”,⁸⁷ empreendedores cujas melhorias urbanas eram a “extensão” de seus domínios e vontades pessoais – o que sutilmente deixava entrever a participação quase nula da maioria da população no processo político-eleitoral, portanto, destituída de “cidadania ativa”.⁸⁸

De maneira semelhante, o “Almanach Ilustrado” de 1913 – por seu recurso à “excitação” visual e à “metaforização” do social – não contemplava uma “leitura” das demandas e dos anseios das camadas populares (o que o distanciava dos almanaques europeus), mas o objetivo de incutir na mente dos habitantes uma afinidade eletiva entre o urbano e os interesses da lavoura cafeeira e de “cristalizar” na memória dos “leitores” os desejos da elite ribeirãopretana vinculados a um “processo civilizador”.⁸⁹

⁸⁴ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 198.

⁸⁵ BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Tradução de Luiz Tupy C. de Moura. Brasília: Ed. UNB, 1982, p. 16-17.

⁸⁶ Além deles, temos o caso de membros da família Prado. Ver: LEVI, Darrell. **A família Prado**. Tradução de José E. Mendonça. São Paulo: Cultura 70 Livraria e Editora S/A, 1977. MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros e empreendedores**: a saga do desenvolvimento no Brasil. São Paulo: EDUSP, Vol. 1, 2003.

⁸⁷ PAZIANI, Rodrigo R. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). 2004. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista, FHDSS, Franca, 2004, f. 36-37.

⁸⁸ CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

⁸⁹ “Repetidamente iremos ver como é característico de todo o processo que chamamos de civilização esse movimento de segregação, este ocultamento ‘para longe da vista’ daquilo que se tornou repugnante”. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994, p. 128.

Esse propósito, que aparecia, por exemplo, na (re)invenção do mito do “bandeirante paulista”,⁹⁰ sujeito de bravura e ávido de riquezas que se embrenhava pelo “sertão” para levar até esse território inóspito e rude as benesses do “progresso” e da “civilização”, encontrava sua justificação histórica numa representação coletiva construída em torno dos grandes fazendeiros de café.⁹¹ Não foi por outra via que o conhecido Dr. Francisco Nunes abriu o seu “insignificante” escrito (segundo as palavras do próprio autor) no “Almanach Illustrado”:

A admiravel ousadia dos Bandeirantes, de proporções legendarias, tantas e tão variadas vezes enaltecidas pelos nossos historiographos, parece que veio trazer com os rasgos dum mirifico descortino, a sua seiva fecundante ao Oeste da antiga terra de Martim Afonso [...].⁹²

Todavia, não era exclusividade do almanaque identificar os coronéis, tenentes, capitães e majores da República aos “bandeirantes” de antanho. E nem tampouco do interior paulista. Na capital, o Conde Francisco Matarazzo soube construir uma “auto-imagem” explorando, em parte, a sua própria trajetória do interior (Sorocaba) para São Paulo e, em parte, os mitos do imigrante disposto a “fazer a América”, ou seja, o “sujeito-empresário” – cujas marcas de sucesso e de prestígio baseavam-se no esforço pessoal – e o “sujeito-civilizador” – elemento constituinte do progresso material do Estado de São Paulo.⁹³

Em agosto de 1922, o prefeito da cidade, o Dr. João Rodrigues Guião, era autorizado pela Câmara Municipal a incluir nas despesas orçamentárias a edição especial de um álbum comemorativo do centenário da Independência do Brasil. Sua publicação veio no ano seguinte. Em suas primeiras páginas (não somos informados sobre o editor ou os editores) é traçado um novo elo entre as “bandeiras” e a “civilização” graças à cultura cafeeira, o que nos remete àquele conceito de “tempo crônico” já explicitado páginas atrás:

⁹⁰ FERREIRA, Antônio C. **A epopéia bandeirante**: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

⁹¹ SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 271.

⁹² RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. **Almanaque Illustrado de Ribeirão Preto**: estatístico histórico, industrial, comercial, agrícola, literário, informações e variedades. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., p. 12.

⁹³ MARTINS, José de S. **Conde Matarazzo, o empresário e a empresa**: estudo de sociologia do desenvolvimento. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1973, p. 51-57; 65-69.

Nesta luta para assenhorear-se da terra e extrahir della o maximo proveito o agricultor foi se aprimorando na pratica da cultura cafeeira e della surgiu o typo do fazendeiro abastado, cuja influência social e política tem preponderado no paiz, lembrando com ligeiras variantes os traços apagados dos antigos fidalgos portugueses, nossos primeiros colonisadores [...] Foi nessa marcha de penetração e de expansão pelos sertões paulistas que se aprimorou o typo do *cafelista*, o qual, de etapa em etapa, veio adquirindo as qualidades admiráveis de voluntariedade e de acção resoluta, que superou neste rico solo [...].⁹⁴

Mas os colaboradores do “Almanach Illustrado” não se satisfaziam em “mitificar” as lideranças municipais: seria importante demonstrar, de maneira “insofismável”, à sociedade ribeirãoopretana (e por que não brasileira?) a intimidade daqueles grandes fazendeiros de café com as experiências e os objetos da modernidade e, indo mais além, provar a tese segundo a qual as riquezas e os sucessos no “Eldorado Paulista” eram conquistados por aqueles que desbravavam corajosamente os “sertões paulistas”.⁹⁵

No início do século XX, o Coronel Francisco Schmidt – maior produtor e exportador de café do mundo – era coroado pela imprensa com o título de “Rei do Café”.⁹⁶ Entretanto, algo parecia atrapalhar os planos do milionário coronel. Na capital paulista e em várias localidades do interior, estourara uma série de greves, rurais e urbanas, durante a década de 1910 que movimentaram todo o Estado por causa de suas ações virulentas e influência anarquista.⁹⁷

Nos anos de 1912 e 1913 (ano da publicação do “Almanach”), Ribeirão Preto fora palco de manifestações grevistas que chegaram até as fazendas de café, especialmente as de propriedade de Francisco Schmidt que, conhecido por seu temperamento irascível, exigiu do Dr. Sampaio Vidal, então Secretário da Justiça e

⁹⁴ RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. **O Município e a cidade de Ribeirão Preto (1822-1922)**. Ribeirão Preto: Câmara Municipal, Álbum Comemorativo do 1º Centenário da Independência Nacional, 1923, p. 02.

⁹⁵ FERREIRA, Antônio C. **A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002, p. 33-34.

⁹⁶ O título também aparece no: RIBEIRÃO PRETO – ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO. **Almanach Illustrado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p. 84.

⁹⁷ LOPREATO, Christina da S. R. **A semana trágica: a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Museu da Imigração, 1997.

Segurança Pública do Estado, a mobilização da Força Pública para reprimir os trabalhadores.⁹⁸

Para demonstrar e provar o “outro lado” de Schmidt, o “Almanach Ilustrado” explorou a relação entre a figura do imigrante bem-sucedido e o desenvolvimento da cidade e do município. Além disso, foi publicada uma imagem fotográfica na qual o poderoso coronel posava todo imponente e garboso ao lado do seu automóvel “Ford”⁹⁹ – a imagem de um homem afinado com o tempo veloz e fremente da modernidade – defronte à entrada da Fazenda “Monte Alegre”, o que enovelava a trajetória e a pujança de Schmidt aos progressos de Ribeirão Preto tudo porque

[...] a vida do Cel. Schmidt tem sido de constantes lutas, das quaes sempre sae victorioso, affeiçoando-se por isto, aos grandes emprehendimentos. Atirou-se á labuta agricola com ardor e, intelligente e methodico, deusa fortuna invadio-lhe o lar pouco a pouco, rodenado de abundancia; lentamente, imperceptivelmente, o Cel. Schmidt passou de um extremo ao outro, da pobreza á riqueza, graças ao seu esforço e exemplar constancia, sendo hoje, segundo já ficou dito, conhecido não só aqui como em toda a parte pelo titulo de “Rei do Café” [...] Em Ribeirão Preto nada se faz sem o concurso poderoso de sua assistencia, que tem parte em todos os melhoramentos urbanos, que vela pelos hospitaes e auxilia todas as instituições de caridade [...] Eis em franca synthese o que é o Cel. Francisco Schmidt, a encarnação perfeita do trabalho e do dever, a quem o público deu o justo titulo de “Rei do Café”.¹⁰⁰



O mesmo poderia ser dito a respeito de Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, conhecido pela alcunha de “Quinzinho”. Coronel metido à “linha dura”, Quinzinho era reverenciado pela imprensa do interior paulista por ser um líder incontestado, embora aberto às ações “benfazejas”, que usava do prestígio para tornar Ribeirão Preto um município em estado adiantado de progresso.¹⁰¹

Selecionando os detalhes que correspondiam aos de um sujeito, ao mesmo tempo, benemérito, cordato e influente, os editores do “Almanach Ilustrado” fabricavam um “retrato” desejado do coronel. Assim era Quinzinho, “[...] chefe

⁹⁸ “GREVE de colonos”. **Diário da Manhã**, 11 de maio de 1912.. Ver também: GARCIA, Maria A. Momenso. **Trabalhadores rurais em Ribeirão Preto: trabalho e resistência nas fazendas de café (1890-1920)**. Franca: FHDSS, Universidade Estadual Paulista/Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

⁹⁹ RIBEIRÃO PRETO – ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO. **Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p. 85.

¹⁰⁰ Ibid., p. 86-87.

¹⁰¹ RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. **O Trabalho**. Espírito Santo do Pinhal: ano XVIII, nov. de 1924.

prestigiado, cuja influência política é indiscutível em todo o distrito e o seu nome é rodeado de uma simpatia geral, encontrando somente amigos e admiradores [...]”, e, justamente por esse prestígio e fidelidade à sua pessoa, “[...] Ribeirão Preto deve uma parte de sua situação ao esforço incansável do benemerito e inteligente coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira”.¹⁰²

Podemos citar, por último, a fazendeira Iria Alves Ferreira, cunhada do Cel. Quinzinho. A destacada “Rainha do Café” e diretora da “Associação de Proteção e Assistência à Infância” era a mesma senhora que mandara assassinar Alexandre Silva, seu capataz, por questão de “honra” na noite de 21.05.1920: um cruel homicídio conhecido pelos jornais de todo Estado de São Paulo pelo título de “Crime de Cravinhos”.

A vítima, além de morta a sangue frio, foi esquartejada e seus pedaços enterrados em terrenos baldios do município. Sequer reconhecida, pois “tivera o rosto descarnado, as orelhas e a língua cortadas e mutilações no crânio [...]”,¹⁰³ ela foi identificada por “um capanga dos filhos de Iria, contratado para eliminar Alexandre Silva que vivia amasiado com a fazendeira, e com quem teriam desavenças”.¹⁰⁴ O caso, que se arrastou por mais de um ano na Justiça, foi finalmente “contornado” graças às articulações de Washington Luís, à época Presidente do Estado, homem do escol do Cel. Quinzinho da Cunha.¹⁰⁵

Nas páginas do “Almanach”, porém, a cruel assassina Iria Alves transformava-se aos olhos do “público” – constituído por leitores “pré-estabelecidos” que, provavelmente, freqüentavam o círculo de relações privadas e de contatos pessoais da “veneranda” mandatária¹⁰⁶ – numa mulher “empreendedora e incansável”¹⁰⁷ que, apesar do título honorífico, primava pela caridade e o benemeritismo.

¹⁰² RIBEIRÃO PRETO – ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO. **Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p. 98.

¹⁰³ JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos: oligarquia e sociedade em São Paulo, 1920-1924**. 1998. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 08.

¹⁰⁴ Ibid., p. 56.

¹⁰⁵ CUELLO, Josué Peroni. **Cel. Quinzinho da Cunha: poder e modernização no interior paulista**. 2º Congresso Sul-Americano de História, Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo, 2005.

¹⁰⁶ “Este ‘público’ é antes sintoma da lógica típica das relações privadas, segundo a qual os contatos pessoais constituem a senha necessária para a inserção social [...]”. ROCHA, João Cezar de C. **Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998, p. 141.

Se os almanaques são, à sua maneira, construídos de um texto (ou de um conjunto de textos) inserido numa modalidade de produção literária que representa determinadas relações sociais, não menos relevante, como afirmam Lajolo e Zilberman, é o exame da “[...] forma como o texto encena sua inserção no sistema de produção [...]”¹⁰⁸ “numa sociedade de “homens cordiais””.¹⁰⁹

Percebamos como, de um discurso vibrante e enaltecedor, “proxêmico” em seus apelos sentimentais, poderia emergir sutilmente um estilo ameaçador, intrínseco à conhecida fórmula do *você-sabe-com-quem-está-falando?*:¹¹⁰

[...] Trazer á luz da publicidade os dotes de espito (sic) e de coração d’essa incansável phalange de lavradores que, n’um trabalho obstinado e incessante, methodico e intelligente, extraem da terra – mãe fecunda – os thesouros que sua seiva proporciona; encoraja-los no prosseguimento dessa labuta viril; revelar ao mundo as bemfeitorias, por meio de clichés e discripções, introduzidas n’esses centros de inesgotável actividade, nessas grandes officinas agrícolas que são as fazendas, julgamos ser um nosso dever, dever que o sentimento de patriotas, sequiosos da grandeza da própria Pátria nos impõe.

Quem não conhecerá, pois, entre os muitos nomes de fazendeiros importantes deste municipio, o da exma. snra. d. Iria Alves Ferreira, a benemerita senhora cuja acção altruísta e caritativa se faz sentir em todas as instituições, em todas as iniciativas que d’essas qualidades necessitam? Quem não terá ouvido falar com respeito e veneração da ‘Rainha do Café’? Quem desconhecerá a importancia de suas propriedades agrícolas em geral, e particularmente das riquezas e confortos da fazenda ‘Pau Alto’?¹¹¹

Claro que a transição para o regime republicano possibilitou, ainda que com severas restrições, o acesso de um número maior de pessoas ou setores da população à cultura impressa, conseqüência de um lento processo de alfabetização e de mudanças técnicas que permitiram dotar algumas “vozes” de meios de expressão e representação social.¹¹² Ou seja, mesmo sob o poder de coronéis iletrados e da presença rarefeita de

¹⁰⁷ RIBEIRÃO PRETO – ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO. **Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p. 90.

¹⁰⁸ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita*. Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 07-08 Apud ROCHA, João Cezar de C. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998, p. 30.

¹⁰⁹ ROCHA, João Cezar de C. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998, p.30 e seguintes. HOLANDA, op. cit., p. 147.

¹¹⁰ DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 184-192.

¹¹¹ RIBEIRÃO, 1913, op. cit., p. 89.

¹¹² FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000, p. 393.

um “público leitor”,¹¹³ a imprensa paradoxalmente alimentava o imaginário da “cidade-desejo”.

A “aura” de riqueza emanada pela cultura cafeeira espalhava-se pela cidade através da crescente atividade comercial (os lojistas e os ambulantes) e industrial, que ajudavam a formar em Ribeirão Preto uma precoce sociedade de consumo, principalmente em virtude do grande número de imigrantes que, chegados à nova urbe, diversificavam a economia do lugar.¹¹⁴

Pelos meios de comunicação impressa,¹¹⁵ as propagandas invadiam e saturavam quotidianamente o “olhar” dos habitantes com produtos, equipamentos e serviços voltados ao conforto, à beleza e ao encantamento. Quem lesse o “Almanach Ilustrado”, também veria ao longo de suas páginas um número significativo de propagandas de fábricas, “casas”, armazéns, drogarias, bazares, padarias e, em cada uma delas, a exploração dos desejos mais recônditos de consumo dos “capiaus” do interior paulista. É o que depreendemos nesta propaganda publicada no “Almanach Ilustrado”:



Ali na rua Amador Bueno, 53 A, diariamente, as Exmas. famílias vão, em romaria, adquirir tudo quanto de mais chiq (sic), primoroso, que a indústria moderna fabrica, em finíssimos tecidos, em roupas brancas, em belíssimas confecções, em calçados, perfumarias, enfim, em todos os ramos pela 'Notre Dame de Paris' explorados [...] (É que) o comerciante consciente deve conhecer os gostos do meio em que sua atividade se desenvolve.¹¹⁶

Mas não nos enganemos. Os coronéis criavam “tentáculos” na sociedade e na política da localidade,¹¹⁷ bem como nos interstícios do poder público estadual e federal.

¹¹³ JORGE, Janes. A imprensa paulistana: entre as demandas do povo e os interesses oligárquicos (1890-1920). **Revista Histórica**, São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial, n. 7, jun./jul./ago. de 2002, p. 14. Ver também: LAJOLO; ZILBERMAN (1991) apud ROCHA, João Cezar de C. **Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998, p. 138.

¹¹⁴ LOVE, Joseph. **A locomotiva: São Paulo na federação brasileira (1889-1937)**. São Paulo: Paz e Terra, 1982, p. 82.

¹¹⁵ Sobre o papel das revistas, a partir da década de 1910, na formação de uma sociedade de consumidores de cultura no Brasil ver: MARTINS, Ana Luiza. **Revista em revista: imprensa e praticas em tempos de Republica**, São Paulo 1890-1922. São Paulo: Edusp/Fapesp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 148-149.

¹¹⁶ RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. **Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto: estatístico histórico, industrial, comercial, agrícola, literário, informações e variedades**. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., p. 57.

¹¹⁷ WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo de S. **Dos coronéis à metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX**. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000, p. 67.

Já que todo e qualquer grupo, especialmente nos municípios interioranos, gravitava em torno de um chefe,¹¹⁸ e o poder político deste não se dissociava do domínio “interno” dos veículos de comunicação, a imprensa corroborava e exercia um papel decisivo, especialmente as revistas e os almanaques, pois ambas eram as grandes responsáveis pelos vínculos estreitos e nada discretos entre a coronelada e o progresso.

Daí as imagens públicas de Iria Alves Ferreira, Francisco Schmidt ou Quinzinho Junqueira em jornais, almanaques e revistas, enfim, deveriam encontrar “abrigo” naquelas imagens desejadas da cidade, entre elas, a apresentação dos coronéis como imprescindíveis paladinos da liberdade, da justiça e do progresso. Podemos afirmar, então, que a publicação de almanaques (ou de álbuns comemorativos) em cidades do interior paulista (mas não apenas nelas) visava menos a formação de uma “sociedade de leitores” do que construir um imaginário urbano assentado no consumo e na exaltação das imagens “desejadas” da cidade, eliminando de cena quaisquer vestígios de barbárie, especialmente, os deixados pela própria elite cafeeira.



www.revistafenix.pro.br

¹¹⁸ ROMERO, Silvio. **Realidade e ilusões no Brasil**: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 191.